

História Pública na prática: desafios e possibilidades para a divulgação de História

Leonardo Reis*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p600-609

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (ed.). História Pública e divulgação de história. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2019.

História Pública e divulgação de história é uma obra construída coletivamente por historiadores profissionais encarregados de compartilhar com o público-leitor as suas experiências, dificuldades, aprendizados e expectativas com a História Pública e a divulgação da História. Ao todo, o livro é constituído por 9 capítulos – 6 artigos e 3 entrevistas¹ –, e, em cada um desses capítulos, nos deparamos com uma miríade de possibilidades para a divulgação científica da História.

Não apenas a proposta da obra é demonstrar as diversas maneiras de divulgar História, como também o livro em si é um projeto de História Pública: ao mesmo tempo que é utilizada uma linguagem acessível a um público ampliado, além do perfil não acadêmico, busca incentivar historiadores de diferentes perfis a atuarem na divulgação da produção historiográfica, destacando a interlocução destes estudos com a comunidade em geral.

É possível, então, afirmar que *História Pública e divulgação de história* nada mais é do que um guia para os profissionais da História que almejam atuar na veiculação dos saberes históricos para além dos espaços escolares e universitários. Passemos a analisar, então, cada capítulo.

Editando a História é o capítulo inicial do livro. Escrito por Luciana Pinsky, ele propõe a reflexão sobre o livro de História em formato digital (PINSKY, 2019, p. 36). Para isso, Pinsky comenta brevemente a respeito da distribuição da obra na dimensão de sua produção e comercialização no mercado editorial brasileiro. A autora efetua uma comparação entre três mercados domésticos de produção-venda em escala industrial de livros: o brasileiro, o estadunidense e o da União Europeia. Os dois últimos não são tão aprofundados, servindo mais de parâmetro para pensar o

1 Todas as entrevistas foram feitas por Bruno Leal Pastor de Carvalho.

caso brasileiro. Esse exercício tem a finalidade de demonstrar o alcance do livro hoje em termos numéricos (PINSKY, 2019, p. 27).

Na sequência, Pinsky aponta para um cenário em que a produção e comercialização dos livros de História em formato integralmente digital, destacando a proximidade dos leitores com as fontes e práticas aplicadas à pesquisa, oportunizaria uma leitura mais apurada pelos pares, historiadores e demais leitores, acerca das concepções e resultados do ofício historiográfico.

No segundo capítulo, *A História é notícia: Temas históricos e o ofício do historiador em reportagens publicadas na Folha de S. Paulo*, Juliana Sayuri, com base em algumas experiências sobre a 'Ilustríssima', um caderno dominical da *Folha de S. Paulo*, escreve sobre a possibilidade e a necessidade de aproximação entre Jornalismo e História, com base em reflexões sobre o "fazer histórico" e os assuntos históricos (SAYURI, 2019, p. 41). A autora se detém na redação de reportagens recentes de temática histórica e do ofício do historiador (SAYURI, 2019, p. 41).

Sayuri aponta para a necessidade de uma forma de escrita jornalística que evite o empobrecimento e a vulgarização da problematização histórica, considerando a importância dos espaços de imprensa escrita, como "tribunas" passíveis de serem mobilizadas para alcançar audiências não especializadas, mas igualmente sedentas desta forma de conhecimento.

No capítulo seguinte, *Pesquisa publicada é pesquisa divulgada? A experiência de divulgação da revista História, Ciências, Saúde*, da autoria de Roberta Cardoso Cerqueira, o objetivo é o de apresentar as estratégias de divulgação dos conteúdos produzidos pelo periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*: desde a utilização de *press releases*, que eram enviados às redações especializadas de grandes jornais, à

criação de perfis nas redes sociais. A autora também reflete sobre como esses mecanismos foram (e são) fundamentais para a circulação dos conteúdos do periódico entre as diversas audiências (CERQUEIRA, 2019, p. 56).

Cerqueira descreve as estratégias adotadas pela revista no contexto dos anos 1990-2000, como o já mencionado envio, a cada edição da revista, de *press releases* a jornalistas e para as redações de jornais especializados, professores e intelectuais, com o intuito de sinalizar as novas edições da revista; ou, como ocorrido em 2006, quando os artigos em português do periódico passaram a ser traduzidos para os idiomas espanhol e inglês com vistas a internacionalizá-los (CERQUEIRA, 2019, p. 57).

A relação da revista *História, Ciências, Saúde – Manguinhos* com a internet começa ainda no final dos anos 1990: em 1998, a revista passou a se fazer presente no mundo digital ao inaugurar a sua versão eletrônica, e no ano 2000, passou a integrar o programa *online* SciELO (Scientific Electronic Library Online), onde se encontra integralmente disponível (CERQUEIRA, 2019, p. 57).

A partir de 2013, com a criação de perfis da revista no *Facebook*, no *Twitter* e com a criação de um *blog* (CERQUEIRA, 2019, p. 60), foi possível observar a expansão do público, que começou a consumir os seus conteúdos. O *blog* passou a ser central para a divulgação do periódico, e as redes sociais passaram a replicar toda e qualquer matéria presente nessa página. A internet, portanto, assumiu um papel de importância para o periódico *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, permitindo que ela fosse amplamente lida pelas diversas audiências.

No quarto capítulo, *História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro*, Icles Rodrigues escreve sobre os seus 10 anos de experiência com História Pública, desde a atuação no *blog* baseado na plataforma *Blogspot*, *Leitura*

ObrigaHISTÓRIA (RODRIGUES, 2019, p. 81), iniciado em 2009, até os dias atuais no *YouTube*, em canal homônimo, produzindo vídeos didáticos sobre diversos temas pertinentes à História.

No *YouTube*, Rodrigues atua como divulgador científico desde agosto de 2015 (RODRIGUES, 2019, p. 82). Sobre essa experiência, o historiador relata os aprendizados por meio das dificuldades que enfrentou, as mudanças de estratégias adotadas com relação aos algoritmos do *YouTube* com o intuito de atrair mais pessoas para o canal, a chegada de outras duas intelectuais que passaram a colaborar com vídeos de temáticas com as quais não tinha proximidade, entre outros. Em virtude do bom rendimento do canal, e com a intenção de expandir os seus projetos de História Pública, Rodrigues aproveita para anunciar a iniciativa de divulgação por meio do *podcast* do projeto *Leitura ObrigaHISTÓRIA, História FM*, que estreou em 2019.

No quinto capítulo, *História da Ditadura: Como tratar de regimes ditatoriais com o grande público*, Paulo Cesar Gomes disserta sobre a sua experiência com o *site História da Ditadura*, criado em 2016, cujo objetivo foi o de levar ao grande público o conhecimento histórico advindo das pesquisas acadêmicas sobre o período da Ditadura Civil-Empresarial-Militar brasileira (1964-1985) (GOMES, 2019, p. 93). Gomes escreve que um dos motivos que o levou a criar o *site* foi sua insatisfação com a desproporcionalidade entre o esforço exigido para a produção de trabalhos universitários de qualidade e a pequena circulação dos resultados atingidos em forma de artigos, dissertações e teses (GOMES, 2019, p. 93-94).

O *site História da Ditadura* foi criado como uma ferramenta que pudesse vir a ser utilizada por historiadores, professores e alunos, mas igualmente por outros indivíduos interessados nesta temática (GOMES, 2019, p. 96). Por essa razão, foi

construída, nesta plataforma, uma base de dados que busca reunir referências de produções em variados formatos sobre o regime militar, dentre eles: dissertações, teses, livros, fotografias, filmes, *sites* etc. (GOMES, 2019, p. 95). Além do *site História da Ditadura*, Gomes criou um canal homônimo no *YouTube*, onde disponibiliza entrevistas com especialistas no tema e com pessoas que viveram naquele período (GOMES, 2019, p. 96). Tanto o *site* quanto o canal no *YouTube* possuem linguagens bastante acessíveis.

Bruno Leal Pastor de Carvalho, no sexto capítulo, *Café História: Divulgação científica de História na internet*, relata sobre as motivações que o levaram a criar o *site Café História*, o maior portal de divulgação científica em língua portuguesa, especializado em História na internet brasileira, alcançando hoje cerca de meio milhão de pessoas com suas publicações (CARVALHO, 2019, p. 105-106), bem como as experiências e frutos colhidos com seu projeto.

O *site Café História* estreou no ano de 2008 e tinha como objetivo disseminar o conhecimento histórico para as amplas audiências (CARVALHO, 2019, p. 105). As inquietações de Carvalho começaram ainda durante a sua graduação. O autor conta que, nas aulas, o ensino e a pesquisa estavam no centro do debate, mas a divulgação científica não fazia parte da preocupação dos professores. Sequer havia disciplinas optativas reservadas para se pensar meios e métodos de se divulgar História ao grande público. A partir disso, Carvalho decidiu investir o conhecimento na divulgação de História, aderindo às mídias digitais, que estavam em ascensão no Brasil naquele momento.

Carvalho descreve as estratégias adotadas para atrair cada vez mais pessoas ao *site*, sobre as mudanças técnicas sofridas pelo *Café História* ao longo da década de sua

existência, bem como sobre o seu alcance nacional e internacional. Por fim, é comentado também o projeto *Café História TV*, uma extensão do site *Café História* no *YouTube*. Por se tratar de um projeto experimental, Carvalho o menciona brevemente, sem entrar em maiores detalhes.

O sétimo capítulo, *Experiências de uma historiadora-divulgadora*, constitui a primeira entrevista do livro, concedida por Keila Grinberg. A pesquisadora relata suas experiências na divulgação de História através de seus escritos nas colunas da revista *Ciência Hoje*, entre os anos 2008-2014, e demais mídias onde trabalhou ao longo de sua carreira (GRINBERG, 2019, p. 125).

Além disso, Grinberg detalha o processo de escrita das suas colunas, a relação com os leitores, a preocupação com a disseminação daquilo que escrevia e sobre como fazia para definir os temas seriam publicados na revista: "Eu definia as pautas com base nos meus interesses e nos acontecimentos do mês, naquilo que me chamava a atenção." (GRINBERG, 2019, p. 126). Além da revista *Ciência Hoje*, a professora-pesquisadora também contribuiu como historiadora pública no site *Detetives do Passado*, um projeto de divulgação científica de História na internet, mas essa experiência não foi aprofundada na entrevista. Ao final da entrevista, Grinberg chama atenção pelo fato de historiadores estarem atentos às demandas de suas audiências, declarando: "Quem fala para o grande público tem que também ouvir o grande público." (GRINBERG, 2019, p. 130).

No capítulo oitavo, *A História que ocupa os espaços públicos da cidade*, Luiz Paulo Ferraz e Gustavo Bione falam do seu projeto *História ao Ar Livre*, uma proposta que pretende deslocar as aulas de História das salas de aula e levá-las para os mais variados espaços públicos da cidade de Recife. Essa empreitada surgiu a partir de um

sentimento de preocupação dos professores com uma forma de ensino que pudesse ser mais aberta e inclusiva ao grande público, sem as amarras de um conteúdo programático mais rígido e/ou a necessidade de um ambiente fechado, incentivando o interesse sobre e a valorização dos espaços públicos da cidade de Recife (BIONE; FERRAZ, 2019, p. 137).

Ao final do capítulo, os professores são questionados sobre a relevância e o papel exercido pela internet nessa empreitada. Ela é bem quista pelos professores, pois permite que o projeto seja amplamente divulgado ao público, que, por vezes, acaba não tendo contato com os professores ou com pessoas que saibam da ocorrência das edições do *História ao Ar Livre*. Apesar do potencial da internet, os professores acreditam muito mais no potencial de atração do 'boca-a-boca' (BIONE; FERRAZ, 2019, p. 136).

Paulo Knauss foi o último entrevistado do livro, encerrando com o capítulo *Museus para se pensar o presente em perspectiva histórica*. O professor disserta acerca da relevância social e da promoção do enriquecimento cultural possibilitada pelo museu, uma vez que essa instituição proporciona às pessoas que frequentam seu espaço a obtenção do conhecimento histórico do passado através dos artefatos dispostos em seu espaço.

Ademais, pelo fato de atender a uma miríade de públicos – de diversas origens, com diversos motivos que os levaram até o museu, com diferentes idades, de diferentes classes, raças, gêneros etc. –, o museu necessita adequar a comunicação com estas pessoas, tornando-se mais acessível e democratizado a todas as audiências. Para Knauss (2019, p. 140), a produção do conhecimento histórico nestes espaços advém do colecionismo e das exposições. Por isso, é possível pensarmos

essas instituições como sendo lugares sociais de produção do conhecimento (KNAUSS, 2019, p. 141).

O entrevistado, quando inquirido sobre os mecanismos da internet aplicados à difusão do conhecimento histórico-museológico, declara que considera extremamente importante para viabilizar a difusão dos saberes contidos nesses locais. Segundo Knauss, com a internet muita coisa mudaria, a exemplo da forma de contemplação, que é extremamente importante para a propagação dos saberes contidos no espaço museológico para as diversas espacialidades.

A divulgação científica no Brasil, de uma maneira geral, tem crescido bastante nos últimos anos. Esse é um bom sinal, visto que há grande necessidade de se combater o anticientificismo latente. Por isso, *História Pública e divulgação de História* cumpre um papel necessário na agenda pró-Ciência, dando voz aos historiadores profissionais dispostos a atuarem com a História Pública. Porém, "(...) fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe uma pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos (...)" (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 8). Trata-se, portanto, de "(...) como tornar o passado útil para o presente." (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 8).

Por fim, como mencionado por Almeida e Rovai: "Num esforço colaborativo, ela [História Pública] pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou o poder de análise." Nesse sentido, a História Pública se refere às "(...) reflexões sobre a atuação do profissional capaz de estimular a consciência histórica para um público amplo, não acadêmico." (ALMEIDA; ROVAI, 2011, p. 7).

Referências Bibliográficas

História Pública na prática

ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAL, Marta Gouveia de Oliveira. Apresentação. In: _____. (Org.) Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, pp. 7-18.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares (ed.). História Pública e divulgação de história. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2019.